



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Estereótipos socioculturais da África e o ensino de geografia e filosofia
Autores	MICHAEL DOUGLAS BICUDO ZOTTI DANIEL ANCELMO GABRIEL RUIZ PINHEIRO
Orientador	LUCIANE UBERTI

RESUMO: Este trabalho constitui-se de um projeto didático produzido em 2018/1 na disciplina Educação Contemporânea: Currículo, Didática e Planejamento, dos cursos de Geografia e Filosofia, na Faculdade Educação/UFRGS. Um currículo e um planejamento totalmente fragmentado, separando as disciplinas escolares como se não constituíssem um todo da investigação humana são, obviamente, menos promissores do que um currículo e um planejamento que unificam disciplinas, trazendo um ambiente em sala de aula mais enriquecedor, com experiências mais profundas, mais completas. A filosofia, por excelência, é uma disciplina com um potencial enorme de interdisciplinaridade. Tal como Ronai Pires da Rocha apresenta em seu livro “Ensino de Filosofia e Currículo”, a filosofia pode complementar os outros saberes a partir de um viés transversal. É a filosofia que reflete sobre os pressupostos das ciências, das religiões e das artes; logo, dentre outros papéis, nesse trabalho a filosofia tem o papel de transversalizar a geografia e o tema geral proposto. Planejar um trabalho interdisciplinar que tem como norteador um tema sociocultural pertinente não é tarefa fácil. Não podemos pressupor equivocadamente quais são exatamente as interpretações de mundo dos estudantes; tampouco podemos querer transmitir em absoluto algum tipo de perspectiva que nós temos do tema em questão. No máximo, podemos imaginar algum tipo de saber comum que faz parte dos discursos dos estudantes; elaborar um plano tendo uma intenção primeira (que pode ser modificada, transformada ao longo do percurso didático); e por fim, desenvolver uma prática pedagógica que percorre o nosso imaginário docente, passando pelos problemas e reais interpretações que se apresentam, e que se finaliza numa inesperada - às vezes nem tanto - vivência de aprendizagem escolar, que pode ser muito rica, inovadora, mesmo que indeterminada. Como muitos brasileiros, os estudantes costumam imaginar uma África extremamente empobrecida, tanto em recursos naturais, tecnologia, na economia em geral, como também na cultura, nas artes; pensam, o que não tem origem na Europa ou nos Estados Unidos não é tão interessante, não é rico. Trabalhamos com as perspectivas positivas do continente, pois sabemos que os estereótipos negativos já são de conhecimento público. Além disso, é importante que as/os estudantes reconheçam a produção intelectual dos países africanos, por isso também a abordagem filosófica. O plano de aula, a aplicação direta de nossa teoria e referenciais teóricos se divide em cinco momentos. No primeiro, ocorre a busca do docente pelas representações dos alunos acerca dos conteúdos trabalhados. Para tal tarefa, usa-se a geografia do cheiro (COSTELLA, 2009), ao solicitar que os alunos imaginem-se e contem o que percebem em determinadas cidades africanas. Após, realizam-se duas atividades, inseridas nos momentos dois e três. No momento dois, são realizadas a análise e conversa guiada acerca de duas representações cartográficas do continente em estudo, um mapa político e um mapa dos povos africanos originários. No terceiro momento, contamos com um recurso audiovisual, ao exibir um vídeo a respeito das diferentes representações, no qual uma africana conta como percebeu essas situações. Munidos das representações do primeiro momento do referido plano de aula e das discussões geradas a partir dos momentos dois e três, é que os alunos realizam uma pesquisa acerca das mesmas cidades que pensaram no primeiro momento da aula. Por fim, é solicitado aos discentes que realizem um trabalho em formato livre, que poderá ser qualquer tipo de recurso, a fim de sintetizar os conteúdos e debates construídos. O trabalho se propõe a estudar o “lado não vislumbrado” da África, para que as/os estudantes não tenham uma visão distorcida do real - a África não é inferior e afundada na miséria. É preciso tratar nossas visões ofuscadas. Portanto, nosso trabalho visa experimentar com os estudantes um processo de desconstrução saudável, unindo a geografia e a filosofia de forma interdisciplinar. Palavras-chave: Estereótipos; África; Ensino.